

Leitura e análise crítica de *Gramática da vida*, de Glenio Cabral

O título, além de bom, é bem apropriado – condiz totalmente com os textos e com a proposta do livro. Eu não teria sugestão melhor.

Futuro do pretérito composto (Saudade do que não foi) é um bom texto, com linguagem simples e coloquial. Há nele alguns termos dispensáveis e algumas construções estranhas (“pelo medo que não se combateu”, por exemplo), que foram devidamente revisados e reformulados na versão impressa do livro. Atente-se à repetição do termo “mas”. Sugiro substituí-lo, em alguns casos, por termos com sentido semelhante. É um texto, como outros do livro, estilo “auto-ajuda”, o que não me agrada particularmente mas que, quando escrito despretensiosamente e sem esse propósito, não perde sua qualidade literária. É o caso do texto em questão.

Anacoluto é um texto excelente. Muito engraçado! Fiz apenas uma ressalva quanto ao exemplo usado: “Dois gatinhos miando no muro...”, que a meu ver deve ser substituído por outro. A idéia do texto é ótima; por isso, creio que pode ser melhor desenvolvida. Fica, ao final da leitura, uma sensação de incompletude.

Antítese é um texto bom, leve e faz refletir. Usa uma boa metáfora e foge do lugar-comum. É um texto simples e maduro. Discorre sobre assuntos complexos de uma maneira simplória até, entendível para a grande maioria dos leitores.

Eufemismo é bom em sua idéia, não em sua concepção. Começa com boas metáforas: “São como plumas em forma de letras, verdadeiros amortecedores que suavizam a queda de uma realidade pesada”. No entanto, depois abusa de alguns lugares-comuns: “Ele empacotou, vestiu o paletó de madeira, partiu dessa pra melhor (ou pior)”. Há alguns problemas gráficos destacados na versão impressa. No sexto parágrafo do texto, você abusa do termo “fogo” e seus similares, como “fogueira”. Há aí um problema de coesão. Não confunda “eminente” com “iminente” – são duas palavras com significados muito diferentes. O segundo diálogo usado no texto é, a meu ver, pouco verossímil. Eu o substituiria por outro.

Hiatos e ditongos é um ótimo texto: excelente maneira de discorrer sobre questões cruciais da vida de qualquer um de nós. É um texto leve (característica que é uma constante no livro). Mas também é um texto universal. Creio que você, com esse texto, consegue tanto ensinar sobre as funções e diferenças entre hiatos e ditongos (gramaticalmente falando) e suscitar a discussão de assuntos capitais para o ser humano. Consegue essa proeza sem cair no moralismo ou na auto-ajuda barata. Parabéns.

O texto **Hipérbole** é um texto mediano, sobretudo porque não desenvolve bem a idéia, que até é original. O sintetismo aqui, ao invés de melhorar o texto, o comprometeu, já que o texto pareceu acabar na metade. Ademais, a conclusão do texto é, a meu ver, dispensável e foge do tema.

“**Interar**” é um ótimo texto – a partir de um verbo e de uma dúvida desenvolve bem uma idéia, que é a de ajudar o próximo. Consegue adentrar nessa questão moral sem, no entanto, desandar em moralismos religiosos e velhos clichês. Pondera o significado de ajudar o próximo: “inteirar não é estimular a mendicância, a dependência ou a preguiça”. Não se restringe ao conceito difundido sobre o que é ajudar o próximo: “É aquela palavra amiga dita na hora certa, aquele abraço oportuno durante o luto, aquele quase nada que de nada não tem nada...”. É um texto seguro, maduro, sóbrio.

Mas é um bom texto: mais longo que os demais, mas... Utiliza nele a linguagem simples, direta e coloquial (às vezes com gírias) que lhe é peculiar: “É por causa dele que muita gente ainda não pirou nessa vida”. Se um dos objetivos do texto é ensinar a função do “mas” numa frase, o texto pode confundir. Mas se esse não é um dos objetivos, o texto cumpre sua função: de entreter, de divertir e de, em alguns momentos, fazer o leitor refletir: “E o que ‘mas’ provoca nas pessoas? Basicamente esperança. Alguém (...) prossegue otimista”.

Suas crônicas, a maior parte em primeira pessoa, são leves, curtas e diretas. Conseguem ser leves sem, no entanto, ser superficiais. Algumas, ao contrário, propõem discussões complexas e profundas (mesmo nessas o tom é sempre o da simplicidade). A unidade do livro está, a meu ver, aí: na simplicidade, na clareza, ora no coloquialismo da linguagem. Há, como em quase todas as coletâneas, textos mais fracos que os demais. A sugestão não é necessariamente retirá-los, mas reformulá-los e melhorá-los.

Palavras fora do dicionário é um desses textos, na minha opinião, mais fraco que os demais textos do livro. Ademais, a mensagem passada pela conclusão do texto não me agrada em particular: “Devíamos valorizar mais os medíocres. Ser medíocre é estar na média. É não ser bom nem ruim. É como tirar sete numa prova”. Devíamos valorizar não os medíocres (medianos) ou medíocres (incompetentes ou pouco inteligentes), mas sim os inteligentes, competentes, criativos e geniais.

Em **Parágrafos** a idéia é boa. A comparação (texto x vida) também é boa. Mas o texto, no final, é um texto moralista e, em alguns casos, autoritário em algumas afirmações: “uma senhora de meia idade se comporta como adolescente, e assim os parágrafos vão sendo invertidos, colocados nos lugares errados”. Ou seja, dá a entender que seu texto nada mais faz do que apregoar o pré-estabelecido por uma sociedade autoritária, que nos subjuga a todo o

momento a convenções sem sentido, já que foram criadas por outrem, e não por nós mesmos. A vida deve ser vivida não segundo uma convenção pré-estabelecida historicamente ou pretensamente natural (infância, adolescência, juventude, idade adulta, velhice, morte), mas sim da forma como nos dá mais prazer e nos faz mais felizes. A mensagem do seu texto vai de encontro a isso.

Pleonasmo, embora curto, é um texto crítico e verossímil em sua crítica, sobretudo quando (porque) discorre sobre o ramo das palestras motivacionais. É leve, é direto, é crítico e, às vezes, é engraçado. Parabéns por ele.

Pretérito do presente é um texto que não traz nada de novo, nem em sua concepção, nem em seu estilo, nem em suas discussões. É, na minha opinião, meio auto-ajuda e saturado de clichês. Dependendo do público a que o livro se destina, sugiro retirá-lo. Caso o livro se destine a pré-adolescentes e adolescentes (veja essa discussão no final da análise), reformule o texto que ele fará sentido para esse público específico, ainda não acostumado com os clichês da vida.

Pronome indefinido “Ninguém” é, por outro lado, um texto excelente: leve, crítico, direto, ora engraçado, de uma ironia sutil: “Mas por aqui as coisas funcionam dessa forma, se não estudar o alguém passa a ser ninguém”; “Por isso a lista de alguéns que são ninguéns não pára de crescer”. Ademais, há alguns jogos de palavras interessantes no texto, como “Então, quando morre um Zé Ninguém, ninguém se incomoda”, dentre outros. É um dos melhores textos do livro.

Nada mais providencial do que acabar o livro com uma crônica intitulada **O ponto final**. É um texto bom: melhor que alguns; pior que outros. Apenas isso. Não se aprofunda nas questões discutidas mas, ao mesmo tempo, não é um texto totalmente superficial, já que levanta algumas questões interessantes, sobretudo para o que considero o público-leitor do seu livro: pré-adolescentes, adolescentes e jovens (pessoas entre 10 e 18 anos, talvez).

Na minha opinião, o público a que se destina seu livro **Gramática da vida** não é o adulto, mas sim o jovem. São textos simples, diretos, com linguagem coloquial; alguns com uma pegada auto-ajuda; outros, mesmo críticos, leves; sem falar naqueles textos com uma boa dose de humor. O livro propõe “ensinar” alguns conhecimentos de gramática de uma forma leve e pouco comum. Nesse sentido, creio que consegue cumprir com seu objetivo. Discute-se no livro sobre questões chatas sem, no entanto, a chatice das gramáticas tradicionais. É óbvio que apenas o **Gramática da vida** não é o suficiente para ensinar, ao pé da letra, sobre as questões gramaticais a que se propôs, mas pode ser um ótimo adendo para tal. Vários textos se encaixam, a meu ver, em livros didáticos,

justamente como textos complementares a essas questões gramaticais. Pense nisso.

GRAMÁTICA DA VIDA

Glenio Cabral

Futuro do Pretérito Composto (Saudade do que não foi)

É possível sentir saudades do que não se viveu? Parece estranho, mas creio que sim. Isso acontece quando a gente descobre que poderia ter vivido algo muito bacana, mas que, por alguma razão, não viveu.

E pior, que poderia ter vivido se quisesse, era só uma questão de ter ido à luta, de ter insistido, mas por não ter tido coragem e iniciativa acabou não vivendo. E aí, a coisa não rolou.

Essa sensação é um tipo de arrependimento pelo medo que não se combateu. E aí, amigo, o negócio fica feio. Porque perder uma luta lutando, dando o máximo de si, é uma coisa. Mas perder por W.O...

É quando vem a saudade. A saudade do que poderia ter sido. A saudade do que não foi, mas tinha tudo pra ser. A saudade do que não se viveu, e não se viveu não por ausência total de possibilidades, mas por pura fraqueza de espírito.

Se eu pudesse transformar essa sensação num tempo verbal, eu diria que estamos falando do Futuro do Pretérito Composto.

O Futuro do Pretérito Composto é utilizado pra falar de acontecimentos que poderiam ter acontecido, mas que acabaram não se concretizando. E como se conjuga isso? Utilizando o verbo auxiliar “ter” no futuro do pretérito, seguido do particípio passado do verbo principal.

Exemplos:

“Teríamos viajado para a Europa, mas não tivemos dinheiro”.

“Eu teria me casado se pudesse, mas não tive forças pra lutar por seu amor”.

Está vendo? Por isso ele é um tempo verbal melancólico, já que carrega em sua conjugação resquícios de arrependimento, saudade e frustração. Sempre vai haver um “teria” que tinha tudo pra ser, mas que não foi por alguma razão. E aí bate a saudade do que não foi.

A pior saudade não é aquela que chora pelo passado, mas aquela que chora pelo futuro, pelo futuro do pretérito composto. Pelo futuro que foi sepultado pelo medo, pela covardia, pela preguiça e pela indolência.

Quer um conselho? Nunca perca uma luta por W.O. Isso é de pirar o cabeçaço.

Anacoluto

Anacoluto: figura de linguagem que consiste na falta de nexos entre o início e o fim de uma frase.

Exemplo: *“Dois gatinhos miando no muro, conversávamos sobre como é complicada a vida dos animais.”*

Algo surreal, não? Pois essa figura de linguagem é assim mesmo, uma esquizofrenia gramatical com status de regra linguística.

Tenho um amigo assim, anacoluto por excelência. O cara não diz coisa com coisa. Ele diz o que vem na cabeça e que se dane o mundo. Lembro-me de uma vez em que conversávamos sobre a vida. Falávamos sobre emprego, sobre família, coisas assim. Então ele tomou a palavra e disse:

- A bolacha que eu mais gosto é sal-click!

Fiquei em estado de choque. Que coisa foi aquela? Bolacha?! Sal o quê? Eu falava sobre emprego e família e do nada ele me veio com bolacha sal-click?!

É claro que pra ele, naquele momento, nada no mundo era mais importante que o fato de a bolacha sal-click ser fundamental na sua vida. O mundo podia se acabar, se afundar ou explodir, tudo estaria bem se a tal bolacha estivesse por perto.

Anacolutos são assim. Falam o que vem na cabeça porque não respeitam o contexto da conversa. Aliás, o grito de guerra deles é *“que se dane o contexto, eu quero é me expressar!”*

Não que eles sejam loucos ou coisa assim. O que eles têm mesmo é dificuldade de prestar atenção na conversa dos outros. O amigo está falando e ele fica viajando num assunto totalmente diferente. Aí, do nada, ele interrompe a conversa e manda a pancada sem noção. E bota sem noção nisso.

Isso me fez lembrar outro anacoluto conhecido meu. Dia desses conversava com ele sobre a seleção brasileira, quando ele me interrompeu e disse:

- Chegamos ao patamar da humanidade!

Que patamar?! Que humanidade?!

Céus.

Antítese

Antítese: figura de linguagem que consiste na exposição de idéias opostas.

Exemplos: *Já estou **cheio** de me sentir **vazio**.*

*Vi a cara da **morte** e me senti **vivo**.*

Por isso, de todas as figuras de linguagem a antítese é a que mais se confunde com o ser humano. Afinal, todo mundo carrega um oposto dentro de si. Tenho um amigo, por exemplo, que todos os dias acorda feliz da vida. Nos turnos da manhã seu humor é implacável, mas às tardes uma carranca mascara o seu rosto. Não sei o que acontece, só sei que é assim. Pela manhã ele é o cara mais legal desse mundo, tapinhas nas costas e tudo mais, mas à tarde se mostra recluso e mal-humorado. Um estúpido de primeira grandeza.

Alguns diriam que meu amigo sofre de Transtorno Bipolar, patologia que causa terríveis variações de humor. Pois eu digo que o que ele tem é excesso de antítese no sangue, isso sim.

Aliás, o poeta americano Walt Withman foi o primeiro a assumir ser portador dessa patologia gramatical: *“Eu me contradigo? Pois bem, sou muitos!”*

Pois é, somos muitos. E porque somos muitos somos felizes e tristes, malvados e bonzinhos, otimistas e trágicos, heróis e vilões, fracos e fortes, inteligentes e burros, e tudo isso ao mesmo tempo. Isso explica porque ninguém é 100% alguma coisa. Somos seres divididos, binários, e a antítese em nós é que faz com que sejamos, no máximo, “parcialmente alguma coisa”. Nunca totalmente.

Mas se a antítese é sempre o lado contrário de tudo, teria ela uma oposta para si mesma? O que seria o contrário dessa figura de linguagem? Em outras palavras, qual seria a antítese da própria antítese?

Eu diria que é a uniformidade. Não a uniformidade positiva, aquela que agrega e fortalece as pessoas, mas a uniformidade que traz o marasmo, o paradeiro, a ausência total de conflitos e mudanças. É o comodismo disfarçado de calma, a preguiça

travestida de satisfação, o medo que finge ser sossego e serenidade. Por isso precisamos tanto da antítese. São suas contradições que nos deixam em crise, e são as crises que nos forçam a sair do lugar, a mudar a forma de pensar, agir, interpretar a vida, a deixar a zona de conforto rumo a mudanças necessárias.

Que venham os opostos, então! Que venham as crises! E da próxima vez que me perguntarem o que é frio e calor, eu direi que é crescimento. Eu direi que é antítese.

Eufemismo

Eufemismo. Figura de linguagem de amenização. Os eufemismos existem pra tornar a vida mais suportável. São como plumas em forma de letras, verdadeiros amortecedores que suavizam a queda de uma realidade pesada.

É o que acontece quando dizemos "**Fulano adormeceu**". Ora, fulano não dormiu coisa nenhuma. Ele empacotou, vestiu o paletó de madeira, partiu dessa pra melhor (ou pior).

Mas a morte de fulano foi suavizada pela expressão "*adormeceu*". E por isso a perda doeu menos no peito.

Conheço gente assim. Gente eufemista. Gente que torna a vida mais leve, menos agressiva, mais suportável. Gente que se não puder ajudar, também não atrapalha. Gente que não mente pra evitar o pior, mas que mesmo falando a verdade não piora ainda mais as coisas.

"Ele me chamou de que, de piriguete?"

"Acho que sim, mas ele está bêbado. Deixa pra lá."

"Como deixar pra lá? Ele me ofendeu!"

"Um bêbado te ofendeu. Vai levar a sério as babaquices de um bêbado?"

Pronto. Fogo apagado. E o eufemista sai vitorioso, na certeza de ter apagado mais um foco de confusão. Mas se o fogo se alastra e a tragédia é eminente, o jeito é minimizar o estrago.

E como ele faz isso? Esfriando o calor do fogo. Não pondo mais lenha na fogueira. Escolhendo as palavras certas pra não piorar o que já está ruim.

Por isso eufemistas são pacificadores. São da turma do deixa-disso. E também por isso de vez em quando acabam apanhando de graça.

"O que é, ta defendendo ele, é?"

"Não, só estou dizendo que ele está bêbado, e que por isso não deve levar em conta suas provocações."

"Está defendendo ele sim! Quer saber? Vocês dois se merecem!"

Pronto. Balaço na cara. E assim, agindo com a melhor das intenções, o eufemista sai como o vilão da história, como alguém que se meteu onde não foi chamado e que por isso mereceu o hematoma no olho.

" Bem feito, quem mandou se meter?"

Pois é, quem mandou? Ah, eufemistas, ainda bem que vocês se metem onde não são chamados. E querem saber? Deus queira que continuem se metendo. O nosso mundo em pé de guerra agradece.

Hiatos e ditongos

Hiato: separação entre vogais de sílabas diferentes.

Na vida alguns hiatos são necessários. É que vogais diferentes nem sempre se entendem. Aliás, administrar diferenças exige maturidade e paciência, coisas que nem todo mundo tem. Por isso, às vezes, um traço para separar as vogais é urgente.

E por falar em traço, gosto muito de um traço chamado bom senso. Ele aparece sempre que duas pessoas conversam e chegam à conclusão de que não dá mais. Esse hiato é doloroso, como todo hiato é, mas também é maduro, consciente e acima de tudo respeitador. Um hiato repleto de civilidade.

Mas há outros hiatos. Um deles é separado por um traço chamado Lei Maria da Penha. Nesses casos a pessoa é separada da outra por força da lei, sendo impedida, inclusive, de se aproximar até determinada distância. Um hiato vergonhoso.

Mas há quem viva um eterno ditongo. E nesse tipo de relação, pessoas não se separam por nada nesse mundo. À primeira vista tudo parece perfeito. Só que as coisas não são bem assim.

Ditongos são formados por vogais diferentes, e onde houver diferenças sempre haverá atrito. A questão é que, ao contrário do hiato, as vogais do ditongo suportam as crises e administram bem seus conflitos. Por isso continuam juntas, haja o que houver.

É claro que nem todo ditongo é real. Alguns são só de fachada. Conheço vogais que permanecem juntas não porque se amam, mas por algum tipo de conveniência. São na verdade hiatos disfarçados de ditongos, um faz de conta gramatical. E seguem a vida assim, ditongos por fora e hiatos por dentro.

Por isso viver bem é saber administrar os hiatos e ditongos que chegam até nós. Nem sempre será possível manter um ditongo. Algumas amizades são pra vida toda, já outras se desmancham em dolorosos hiatos. E assim, hiatos e ditongos se alternam em nossas relações afetivas, profissionais e familiares.

Alguém já disse que o ideal seria se só houvesse ditongos nessa caminhada. Será? Certamente que não. Algumas separações são mais do que necessárias, e eu diria mais, são libertadoras em sua essência. Sei de hiatos que produzem crescimento, amadurecimento, profissionalismo. Já alguns ditongos só contribuem para reforçar a forma pequena de enxergar a vida.

Mas, claro, toda regra tem sua exceção. E isso vale também para hiatos e ditongos.

Hipérbole

Hipérbole. Figura de linguagem que denota exagero. “Fulano está morrendo de fome”. Fulano não está morrendo coisa nenhuma, só está com muita fome. Mas a hipérbole dá outra dimensão à fome, e o que antes era só uma fome comum agora é um buraco no estômago.

A hipérbole não é nada discreta. Discrição é para o eufemismo, não pra hipérbole. Ela precisa aparecer, se fazer notar, chamar a atenção pelo espalhafatoso. Mas quando é recorrente cai no senso comum. E quando cai no senso comum, sua estratégia perde o efeito.

Por isso pessoas hiperbólicas não são levadas a sério. Seus espantos não causam o efeito esperado porque não passam de alarmes falsos. Se alguém diz todos os dias que está “morrendo de fome” e continua vivo, é uma pessoa que tem mania de exagero. É um vício, na verdade. Porque a hipérbole vicia.

Então como tratar o “hiperbolismo” de algumas pessoas? Dando-lhes uma boa dose de realidade. E como se faz isso? Não alimentando seus espalhafatos cotidianos. A expressão “Menos, fulano, muito menos” costuma ajudar nisso. O hiperbólico precisa entender que o mundo não está acabando em tempo integral e que às vezes aquilo que parece um tsunami é só uma marolinha. O difícil é só convencê-lo disso...

Bom seria se nossas virtudes é que fossem hiperbólicas. Já pensou? Ser honesto exageradamente, ser íntegro até dizer chega, ter um coração espantosamente bom... esse tipo de exagero não faria mal a ninguém.

Mas quer saber? Talvez nosso mundo real não admita esse tipo de hipérbole. Sei lá, seria meio conto de fada demais. Aqui está mais pra contos de Stephen King. Esses contos, sim, são revestidos de uma hipérbole bem real. A hipérbole do sombrio cotidiano de todos nós.

Interar

- Ô tio, me ajuda a “interar” essa passagem?

Sim, eu “interei” a passagem daquele guri. Nem me lembro mais quanto foi que eu dei. Só sei que o valor era pequeno, dois ou três reais, talvez um pouco mais, e ele só viajou depois da “interada”.

Mas então fiquei com a aquela palavra na cabeça. Interar, interar, interar. O que era interar, afinal? Pela forma como era falada, devia ser algo como completar, como cobrir o que está faltando, sei lá...

O problema é que não me lembrava de ter conjugado alguma vez esse verbo nas minhas aulas de português. Então, com a palavra cutucando o meu juízo, busquei o pai dos burros a fim de aplacar minha inquietação. E pra minha surpresa, por mais que eu folheasse o dicionário não encontrava sinais do misterioso verbo. O que estava acontecendo? Será que eu me encontrava diante de mais um desses casos de neologismos incorporados ao uso popular?

Mas então, conversando pelo facebook com meu amigo e escritor Rogers Silva, descobri que não poderia encontrar o tal verbo no pai dos burros porque estava faltando um “i” na história. “I”, de inteirar.

Aí sim, a coisa passou a fazer sentido. Na verdade o verbo é inteirar, de tornar inteiro, de tornar um o que está só pela metade. Ou até menos disso. E embora o verbo sem o “i” significasse a mesmíssima coisa no uso popular, senti-me mais culto com essa descoberta, inteirando-me, pois.

Inteirar, portanto, não é dar tudo. É dar uma pequena parte pra que as coisas aconteçam.

Afinal, as pessoas precisam se esforçar por suas metas, não ganhar as coisas de mão beijada. Por isso quem pede alguém para inteirar algo está querendo dizer que “*eu já fiz a maior parte, você me ajuda agora a completar só o que está faltando?*” Aí sim, dá vontade de ajudar.

Não que não devamos ajudar com 100%. Em alguns casos isso será necessário. Quem passa fome não deve comer só 10% do que precisa. Não dá pra inteirar com um faminto. Mas há casos e há casos. E nos casos em que só inteirar é possível, fazer 10% significa viabilizar o 100%.

Em outras palavras, inteirar não é estimular a mendicância, a dependência ou a preguiça. Mas é fazer aquele pouco que acaba virando muito. É dar aquele empurrãozinho que faz toda a diferença.

É aquela palavra amiga dita na hora certa, aquele abraço oportuno durante o luto, aquele quase nada que de nada não tem nada...na verdade, está mais pra quase tudo.

Intereimos, pois. Não importa se com "i" ou sem "i", o que vale é a disposição para ajudar.

Inteirar não tira pedaço de ninguém. Mas completa o que está faltando em muita gente.

Mas

O “Mas” é uma conjunção adversativa usada pra indicar sentido de contrário e oposição. Por isso ela é chamada de adversativa, já que bate de frente com muita coisa. E graças a Deus que existe o “mas”. É por causa dele que muita gente ainda não pirou nessa vida. Duvida? Então preste atenção nos exemplos abaixo:

*“Sei que as coisas não estão boas, **MAS** vão melhorar!”*

*“ O lutador apanhou muito, **MAS** no final venceu.”*

Perceba que o “mas” vai virando o jogo, vai dando um final feliz a frases que começaram desanimadas. No primeiro exemplo, “as coisas não estão boas” até o “mas” entrar em cena e dar um novo final a situação, um triunfante “mas vão melhorar”. O mesmo acontece no segundo exemplo, quando o “mas” interfere numa luta e leva um boxista a uma improvável vitória.

É interessante notar que o “mas”, por si só, não resolve os problemas do mundo. Quando ele surge no meio da frase o problema ainda está lá, insistente, recusando-se a sair. E isso acontece porque não é seu aparecimento que anula a crise, mas o que ele provoca nas pessoas.

E o que o “mas” provoca nas pessoas? Basicamente esperança. Alguém impregnado de “mas” pode se tornar uma conjunção adversativa humana, fazendo-se oposição a toda e qualquer dificuldade. E a vida, que começou trágica, prossegue otimista.

As grandes revoluções sociais sempre foram lideradas por pessoas impregnadas de “mas”. Pessoas que, assim como Mahatma Gandi, Martin Luter King, Che Guevara e tantos outros, acreditaram que era possível encarar o caos a sua volta e dizer: “Os tempos são maus, **MAS** nós vamos vencer”. E porque permitiram que o “mas” fosse o principal protagonista em seus sonhos, entraram para a história como verdadeiros heróis da resistência. Como conjunções adversativas de mãos, pernas, olhos e sonhos.

Bendito “mas”. Bendita conjunção adversativa. Mas ele pode ser maldito também, tudo depende da forma como é usado.

Vejamos outros exemplos:

“Desista de estudar. Ano passado eu me matei nos livros, **MAS** me dei mal”

“A seleção está melhorando, **MAS** não vai muito longe não.”

Essas frases começaram até bem, mas foram destroçadas pelo uso desanimador do “mas”. Em casos como esses, o “mas” é reduzido a uma conjunção mórbida, uma espécie de coveiro gramatical que enterra sem dó nem piedade sonhos, esperanças e projetos. Repare que ele continua sendo uma conjunção adversativa, só que agora anda de mãos dadas com a própria adversidade. É um “mas” negro, por assim dizer. E aí, não há frase que termine bem.

Por isso é preciso saber usar esta conjunção. Ela é uma arma poderosa demais para andar em mãos, ou melhor, em bocas erradas. Não estamos falando de uma palavra qualquer, mas de três letras que, quando juntas, interferem diretamente no continuar ou desistir, em ter fé ou entregar-se ao desespero, até mesmo em viver ou morrer.

Sempre achei que uma coisa assim não deveria estar disponível nas gramáticas. Isso é o mesmo que vender granada em mercearia. Esta conjunção deveria estar trancada a sete chaves dentro de um cofre de segurança máxima, acessível a poucos, a quase ninguém.

Mas...

Palavras fora do dicionário...

O que é ser “esforçado”? Segundo o dicionário, esforçado quer dizer ser “**diligente, aplicado, enérgico**”. Então ser esforçado é ser tudo isso, certo? Nem sempre. O caso é que quando a palavra sai do dicionário, a coisa é diferente.

Quem um exemplo?

- Fulano é um bom aluno?

- Não, coitado, ele é só esforçado.

Traduzindo, Fulano é um aluno que tenta compensar sua falta de inteligência se matando nos livros, mas com poucos resultados. Ele é um esforçado, portanto.

Tem palavras que são assim. Grandes no significado, mas pequenas no uso cotidiano. Veja o caso de “**simpático**”, por exemplo. Simpático significa “**agradável, aprazível**”. Legal, não? Mas no dia-dia pode ser usada assim:

- Fulano é bonito?

- Não, longe disso, no máximo é simpático.

Ou seja, não chega a ser feio, mas é quase isso. É uma espécie de “quase não feio”, de “com esforço dá pra encarar”. É simpático.

Por falar nisso, não sei se é seu caso, mas me considero um cara esforçado e simpático. Simpático porque não sou tão feio. Sou um quase feio, um salvo pelo gongo. Esforçado porque não sou gênio, mas também não sou nenhuma besta quadrada. Resumindo, sou medíocre. Aliás, medíocre é outra palavra que sofre quando sai do dicionário. O que é ser medíocre? É estar na média, é ser como a maioria é, nem mais nem menos. E se a forma como a maioria se apresenta é o que entendemos como “ser normal”, então ser medíocre é ser normal. E ser normal é muito bom, certo? Não no caso do medíocre.

Porque ser medíocre, no dia-dia, é ser incompetente e fraco. É ser digno de pena. É ser o pior dos piores.

Vai entender?!

Devíamos valorizar mais os medíocres. Ser medíocre é estar na média. É não ser bom nem ruim. É como tirar sete numa prova.

Dá pra passar, ora bolas!

Parágrafos

O que são parágrafos? Se bem me lembro de minhas aulas de português, parágrafos são aqueles blocos de frases separados por espaços. Eles servem pra organizar o texto, de modo que a leitura não fique desorganizada.

Por isso um texto sem parágrafos é uma confusão só. E isso vale pra vida também.

A vida é como uma redação. Ela precisa de parágrafos pra ser consistente e organizada. Mas o que são os parágrafos da vida?

São as fases que vivemos. Cada fase corresponde a um parágrafo. E cada fase, assim como os parágrafos, tem o momento certo de aparecer no texto. O problema é que nem todo mundo organiza bem os seus parágrafos.

Um adulto que age como criança, por exemplo, não está “paragrafando” bem. Se ele fizesse isso, saberia que o parágrafo “infância” deve vir logo no início do texto, e não no final.

Mas tem gente que se atrapalha na hora de “paragrafar”. E quando isso acontece, a redação da vida se torna um caos.

É quando um adulto age como criança, uma criança tem comportamentos de adulto, uma senhora de meia idade se comporta como adolescente, e assim os parágrafos vão sendo invertidos, colocados nos lugares errados, enlouquecendo toda a narrativa da vida.

“Paragrafar” a vida é organiza-la em introdução, desenvolvimento e conclusão. É não saltar etapas ou querer voltar à experiências já vividas. É viver as coisas na ordem em que devem ser vividas, parágrafo por parágrafo.

Quem vive assim, constrói um texto maduro, consistente e coerente. E tira uma ótima nota na redação da vida.

Pleonasmo

Pleonasmo: figura de linguagem que denota redundância, emprego desnecessário de um termo.

Exemplos: “Ela cantou uma canção linda!”

“Vi com meus próprios olhos.”

Ora, quem vê, vê com os olhos, e não com a perna... e quem canta só pode cantar uma canção, concorda?

Mas nem todo mundo pensa assim. O “pleonástico”, indivíduo que incorpora esta figura de linguagem, é mestre em reafirmar o óbvio. Ele fala o que todos já sabem como se fosse uma grande novidade. Por isso é tão redundante quanto a figura de linguagem que representa.

Tenho visto algumas pessoas com esse perfil. No ramo das palestras motivacionais, então, esse tipo (não todos, sempre há exceções) se sente à vontade. Na verdade ele deita e rola. Alguns recebem uma fortuna pra reafirmar o óbvio durante uma, duas horas de palestra. Uma embromação só.

Aí o jeito é incrementar com um vídeo aqui, uma piadinha ali, uma dancinha acolá, e o pleonástico vai tratando do óbvio como se fosse uma das sete maravilhas do mundo.

Agir dessa forma é o mesmo que “cantar com a boca”, “ver com os olhos” ou “caminhar com as próprias pernas.” É subestimar a inteligência das pessoas achando que se pode causar uma boa impressão com aquilo que todo mundo já sabe. É tentar transformar o básico numa coisa do outro mundo. É achar que todo mundo tem talento pra ser uma besta quadrada que aplaude qualquer coisinha que está na cara.

Não há nada mais chato do que ver alguém tratando do óbvio como se estivesse descobrindo a pólvora. Óbvio é óbvio, não importa o show pirotécnico que esteja sendo empregado pra torná-lo mais interessante. Sem dúvida é melhor permanecer calado. Aliás, nunca ouvir dizer que o silêncio fez de alguém um redundante.

Pretérito do presente

Pretérito significa passado. Conjugar um verbo no pretérito, portanto, é conjugá-lo no passado.

A novidade é que acabo de criar um novo pretérito. Um pretérito que não se classifica gramaticalmente, já que só faz sentido no campo comportamental.

Eu o chamo de **“Pretérito do presente”**.

O “Pretérito do presente” é essa nostalgia crônica que perturba certas pessoas. Pessoas que, de tão presas a um passado feliz, se esquecem de viver o presente e se entregam ao que já foi. É gente que vive presa às boas recordações do passado, sonhando em poder voltar no tempo e viver tudo de novo.

E assim, presas a uma máquina do tempo enguiçada, acabam vivendo um presente capenga, engessado, um pretérito do presente. Um presente que não é.

Não é errado sentir saudades das coisas boas. Lembranças positivas só nos fazem bem. O problema é quando isso nos impede de viver o agora. Quando isso acontece, vivemos um presente estranho, deformado, um “Frankstein temporal”, um presente misturado com o passado, um “foi mas não foi”.

Fazer isso é destruir o presente, que, por sinal, é tudo o que de fato temos. É no presente que construímos o futuro. E se o passado não foi tão bom assim, também é no presente que podemos arrumar as coisas pra viver maravilhas amanhã. Mas se a gente sabota o momento presente, aí babau, esqueça uma vida plena. No máximo o que se pode ter é uma existência rasteira que respira os ares do passado.

Por isso o agora pede passagem. Mas não o agora ontem, nuvem do que já foi, mas o agora limpo, livre, sem misturas com o passado, sem as amarras do pretérito.

O agora “já”.

Pronome indefinido “Ninguém”

Na gramática normativa, “ninguém” é uma referência vaga a alguém, por isso é um pronome indefinido de pessoa.

Exemplo: Há alguém em casa? Não, ninguém.

Ou seja, “ninguém” é o nada. Mas fora da gramática, esse “nada” também pode ser alguém. Por exemplo, sabe aquele menino que não gosta de estudar? Pois é, ele vive ouvindo que se não estudar não será alguém. Ora, alguém ele já é. Afinal ele é gente, ele respira, ocupa um espaço físico, só não quer saber de estudar.

Mas por aqui as coisas funcionam dessa forma, se não estudar o alguém passa a ser ninguém, e aquele que pensava existir descobre que na verdade nunca existiu. É só um vulto e nada mais.

Por isso a lista de alguéns que são ninguéns não pára de crescer. Já ouviu falar do Zé Ninguém? Esse é ninguém porque é pobre. Ele não tem casa própria, não pode viajar no final do ano, não tem um salário digno, não anda com gente influente, é só um espectro, um fantasma, um suspiro, um quase nada, bem nadinha mesmo.

É fácil encontrar esse tipo nas filas dos hospitais públicos. Ele vive lá, mendigando um atendimento que nunca vêm. E nunca vem porque, convenhamos, ele é ninguém. O problema é que ele não sabe disso.

É engraçado, mas na cabeça dele ele é, sim, alguém. Então como dizer a essa pessoa que pra sociedade ela não existe como gente, e que é só um protótipo mal acabado de algo que tenta existir mas não consegue?

A boa notícia é que um ninguém nunca morre, já que pra todos os efeitos nunca foi alguém de verdade. Então, quando morre um Zé ninguém, ninguém se incomoda. Quem se incomodaria por um “nada” ter morrido? Quem morre é alguém, nunca um ninguém.

Dizem que o Brasil é terra de ninguém. Bobagem. Desde quando ninguém tem alguma coisa nesse país? O certo é dizer que o Brasil é terra de alguém. Porque ninguém, nesse país, não tem vez nem em ditado popular.

O ponto final

Está decidido! Vou por um ponto final nesse namoro!

E assim o ponto final sai da gramática e cai direto na realidade da vida. Que fardo pesado para um pobre ponto. É fácil pra ele finalizar uma frase, um período, uma redação... mas um namoro!? É justo exigir isso de um ponto final?

Ah, mas agente adora fazer isso. Basta querer dar fim a alguma coisa, a qualquer coisa, e pronto, já vai correndo chamar o pobre do ponto final.

“Deixem-me na gramática!”, quase ouço o ponto gritar. “Não me metam em seus problemas!”

Infelizmente, senhor ponto, pra tudo nessa vida tem um ponto final. Tem ponto final pra casamento, pra namoro, pra noivado, pra paciência, pra segurança, pra convivência, pra harmonia... é só chegar o limite, o auge das forças, e lhe arrancamos da gramática pra encerrar alguma coisa do lado de cá.

Sinceramente, não sei se um ponto tem sentimentos. Talvez tenha. Talvez fique triste por ter que finalizar uma amizade, um caso de amor, uma história de sucesso. Talvez.

O que eu sei é que tudo nessa vida tem um fim. E não é pelo fim que se deve chorar, mas pela forma como a coisa acaba.

Alguns finais surgem de repente, o ponto pingando do nada, dando a impressão que a narrativa se estenderia por parágrafos a fio. E aí fica aquele gosto de quero mais, aquela saudade das frases, dos períodos, das narrativas... que belo final.

Mas também há finais tristes. Frases que ficam soltas, sem nenhum sentido, desesperadas porque querem continuar na escrita da vida, mas são impedidas pelo ponto final. E quando o ponto pinga na vida, a história encerra do jeito que estiver sendo escrita. E aí, você sabe, a última impressão é a que fica.

Dura sina, essa do ponto final. Finalizar na gramática e na vida.

E ponto final.